

A MORTE COMO EXPERIÊNCIA DA FINITUDE

DEATH AS AN EXPERIENCE OF FINITUDE

Homenagem à Professora Marilza Izidro Vieira Pacheco de Carvalho
“... É também tarefa da psicologia da psicologia ajudar a suportar o sofrimento!”
(C. G. Jung).

Marilza Pacheco foi professora do curso de Psicologia da FAE Centro Universitário, na cidade de Curitiba-PR, onde desenvolveu suas atividades de ensino, pesquisa, supervisão e orientação de trabalhos. Além das ocupações acadêmicas, cultivou vínculos de amizade, confidencialidade e companheirismo. No dia 27 de dezembro de 2017, nas primeiras horas do dia, fomos surpreendidos com a notícia de seu súbito falecimento, o que nos deixou profundamente consternados.

A ausência da professora Marilza faz com que ela continue presente de outra forma na vida de seus parentes, amigos, pacientes, alunos e na história do curso de Psicologia da FAE. Sua **ausência** se transforma agora na **presença** de uma eterna imagem da profissional dedicada, preocupada com a qualidade da formação dos alunos, com a ética e com o acolhimento humano profundo. Seu zelo pela profissão se mostrou exemplar para aqueles que estiveram próximos, e agora se torna modelo para os profissionais que exercem essa profissão de ajuda.

A passagem de um ente querido nos mobiliza a pensar sobre o morrer. Pensar é a mesma coisa que agradecer. Agradecer pensando, é uma forma de homenagear.

Platão ensinou que o exercício do pensamento não é outra coisa senão o cuidado com a morte. Nesse caso, cuidado não significa inquietação, angústia ou preocupação, mas o sentir-se tocado e movido pela vida no mais íntimo do ser. O filósofo sugere que existir é cuidar da morte, da mesma forma que a morte cuida de cada um de nós, de modo pleno e definitivo. Cuidamos e somos cuidados numa dinâmica que a tudo envolve e acolhe.

Existe uma estória conhecida na filosofia oriental sobre uma jovem mulher que se tornara mãe há pouco tempo. De repente, um mal súbito fulminou a vida de seu filho. Transpassada pela dor, toma o cadáver nos braços e se lança em busca de auxílio. É ignorada por muitos, considerada louca por outros, até que um ancião a aconselha procurar por Buda. Ela sai da cidade e vai ao encontro do sábio e, estando com ele, coloca o cadáver do filho aos seus pés, implorando socorro. Buda escuta

tudo com infinita compaixão e lhe fala docilmente: só há um remédio para esse mal. Retorne à cidade e me traga um grão de mostarda colhido numa casa antiga, onde ninguém jamais tenha morrido.

A jovem mãe se lança na realização da tarefa. Bate de porta em porta e ouve sempre a mesma resposta. Não era difícil arranjar um grão de mostarda, mas a morte já visitara todos os lares, de modo que não existia uma família sequer onde alguém tivesse escapado de morrer. Ao ouvir isso, a jovem mãe nem retornou mais para Buda. A iluminação tomou conta de seu ser: **no mundo humano, nada é permanente**. “Sempre” e “nunca” são advérbios que não podem ser aplicados para a experiência humana. Ela compreendeu que o **infinito é o constante terminar** das coisas, isto é: *eterno* é o contínuo passar e o nunca deixar de perecer. Tudo passa, exceto o passar! A inconstância da vida é o que não termina nem acaba, é o que se dá e acontece sempre, é o caráter passageiro de tudo o que vive e a natureza transitória de tudo o que acontece.

Viver é experimentar a transição. O aprendizado dessa experiência pode ocorrer em situações de revolta, de recusa e sofrimento e intensa resignação. No entanto, ignorar a transitoriedade da vida e rejeitar seu caráter fugaz, é o que constitui, propriamente, a experiência da dor. Não existe um mal em si mesmo; o evento do mal se origina quando excluimos a finitude do mundo. O mal radical está na ilusão de o homem ater-se aos haveres para, com a manipulação do ter, pretender assegurar seu ser prescindindo do *não ser* (morte).

No âmbito da subjetividade moderna, o Eu vive a fantasia de onipotência: almeja ser proprietário de si mesmo, das coisas, das realizações. Sua busca de posse é insaciável. O desejo sem fim procura um Eu que substitui a busca do *ser* pelo *ter*, na ilusão de que com o *ter* pode dispensar o *ser* e também o *não ser*. A sabedoria da vida, no entanto, aponta para o arquetípico ontológico: a pobreza de *ser* sem o *ter* difere do *ter* sem o *ser*. O sofrimento do homem no mundo provém da negação da inconstância de ser, do engano de achar que atar-se ao *ter* poderá desvencilhar-se do vazio do *não ser*.

Na morte de Lázaro, Jesus de Nazaré mostra o paradoxo vivo do ser humano. O Mestre se entristece com a perda do amigo. Porém, afirma que a experiência da crença, isto é, da livre entrega à vida, é uma forma de sobreviver à morte. Quem se lança na existência, mesmo que morrer, encontrará o seu viver. Francisco de Assis deixou um legado pedagógico arquetípico, em cuja inspiração aprendemos que a vida é sentido e criatividade. O homem existe para o *vir a ser*; desenvolver plenamente seu *Self* é o mesmo que morrer: “é morrendo que se vive a vida eterna”.

Esses pensamentos são um convite para se viver a vida na morte. Não podemos viver a morte do outro. Porém, no seu morrer nos reencontramos com nosso próprio morrer, no exercício do viver. O sentido da vida inclui reconhecer e aceitar a finitude do ser e a morte como um elemento essencial. Ser feliz não é **ter** cada vez mais, e sim em **ser** cada vez menos proprietário da vida. O desprendimento da vida ocorre no processo de envelhecer. Por isso, privar o envelhecimento, manipular e intervir na vida contra a dinâmica da morte pode ser uma forma de agressão à morte, durante a vida. A imortalidade só pode ocorrer no âmbito da vivência radical de tudo o que é mortal.

Essas reflexões pretendem homenagear a professora Marilza Pacheco. Sem dúvida, sua vida edificou a vida de muitas outras pessoas. Que a sua morte também gere vida, na medida em que ensine que a vida é mortal, transitória e passageira e que só acolhendo a morte, como irmã, é que poderemos viver a vida de forma plena. Sua existência enriqueceu a vida e tornou esse mundo melhor! Eterna gratidão!

Seu colega, amigo e irmão!

Curitiba, junho de 2018.

Prof. Jairo Ferrandin

